

Desemprego

Mais uma vez a Codeplan apresenta números crescentes e preocupantes sobre o desemprego no Distrito Federal, que acaba de atingir novo recorde, com exatas 148 mil e 600 pessoas oficialmente cadastradas como desempregadas. Para quem gosta de tirar conclusões apressadas, vale a advertência do secretário-adjunto do Trabalho do GDF: o desemprego aumenta não só porque muitas pessoas são despedidas de seus empregos mas também pelo ingresso de novos contingentes de mão-de-obra que não conseguem trabalho. Os dados daquela secretaria indicam que 30 mil pessoas ingressaram no mercado de trabalho de Brasília nos últimos cinco meses. Portanto, os quase 150 mil brasilienses atualmente sem trabalho não foram postos na rua pelos seus empregadores, o que seria uma calamidade pública. Boa parte deles é composta de gente jovem, que ainda não conseguiu seu primeiro emprego, ou de veteranos procedentes de outras partes do País que também aguardam no DF uma oportunidade de trabalho.

O desemprego, fenômeno social negativo que preocupa todas as sociedades contemporâneas, tem sido enfrentado pelo governo FHC e pela maioria dos governos estaduais e prefeituras de grandes metrópoles brasileiras. Há programas em andamento para aproveitamento de mão-de-obra ociosa, inclusive no Distrito Federal. Seria injustiça acusar o poder público, de modo geral, de estar indiferente ao problema. Por outro lado, a ini-

ciativa privada tem sido incansável na procura de soluções e na cobrança de providências mais efetivas da parte dos governos. O novo estatuto da pequena e da microempresa, ora no Congresso, seria uma das soluções de alívio desse problema, sabendo-se que as empresas de pequeno porte empregam 70% da mão-de-obra do País. A redução mais acelerada dos juros bancários é outra forma de capitalizar as empresas privadas e, portanto, permitir-lhes que possam crescer e empregar maior número de trabalhadores.

Há outras iniciativas que poderiam ser tentadas numa nação jovem e com tantas potencialidades como o Brasil. Até agora não existe, por exemplo, uma política migratória capaz de induzir migrações para centros capazes de absorver mão-de-obra permanente ou temporária. Não se trata de "proibir" correntes migratórias internas, como desejam alguns extremistas e preconceituosos, mas de uma ação do Governo Federal e dos estaduais para melhor orientação dessas correntes. Pois uma das causas do desemprego é a fuga desorientada de famílias inteiras para metrópoles já congestionadas, quando elas poderiam encontrar trabalho e melhores condições de vida em outros pontos do vasto e rico território nacional. Em suma, se o desemprego é uma tragédia contemporânea, o Brasil está em condição bem superior a outros países na capacidade de lhe oferecer soluções. Vale a pena tentá-las.